

Filmes Soviéticos Década 1920

OUTUBRO

A Arte da Realidade

Guido Bilharinho



Em 1927, no décimo aniversário da revolução soviética, Sergei Eisenstein (1898-1948), auxiliado por Grégori Alexandrov (1903-1983), realiza *Outubro* (Oktiabr, U.R.S.S., 1927) atinente à tomada do poder na Rússia pelos bolcheviques.

Do ponto de vista puramente artístico e cinematográfico, é obra brilhante, como todas suas realizações. Salientam-se nela - pela extrema modernidade, agilidade e adequação - os cortes e a montagem.

O estilo vigoroso de Eisenstein impõe-se desde a primeira tomada e prossegue até o final sem qualquer pausa. A angulação e o enquadramento são perfeitos, contribuindo, como tudo o mais, para dar ao filme ritmo frenético e vibrante, característica, também, de *A Greve*

(Stacka, U.R.S.S., 1924) e de *O Encouraçado Potemkin* (Bronenosets Potemkin, U.R.S.S., 1925).

Tais particularidades são tão fortes e pessoais, que qualquer indivíduo afeiçoado ao cinema, depois de conhecer um de seus filmes ou parte de um deles, tem condições de identificar, de imediato, sua autoria.

Eisenstein, como nenhum outro, imprime à sua obra o *tonus* e o significado mais profundo dos fatos, transmitindo, por força disso, sua atmosfera e ambientação. Seu realismo não se limita, como usualmente ocorre, a captar apenas a realidade, mas, captando-a, em imprimir-lhe – mais do que exprimir-lhe – um sentido, que preexiste ao momento enfocado e persiste depois.

As pessoas que desfilam, agem e atuam frente às câmeras não parecem representar simples personagens ou atores encarnando figuras de ficção, mas, os próprios responsáveis pelos eventos.

Não se tem a impressão de se assistir a uma narrativa, a uma reconstrução ou equivalência dos fatos, mas, à própria realidade explodindo viva, presentificada, na tela. Assim, por pautar-se por acentuado grau de realismo, objetividade e verossimilhança, *Outubro* insere o espectador no vórtice dos acontecimentos, fazendo-o sentir-se como se os estivesse presenciando no momento em que se desenvolvem.

O filme, por isso, não é documentário e nem configura ficção, inserindo-se num *tertius genus*, que apreende a realidade significativa e significada, extrapolando os limites documentais de fatos apenas mostrados e a construção, normalmente livre, arbitrária e subjetiva, de trecho ficcional.

Se Eisenstein, tanto em *Outubro*, como nas demais obras citadas, se atém à impositiva faticidade, a ela acrescenta a criatividade do artista

e, sem transfigurá-la ou mistificá-la, a constrói, muito mais do que a reconstrói, em toda riqueza de sua complexidade momentânea e simultaneamente histórica.

Contudo, para conseguir erigir sua epopeia cinematográfica, sacrifica todo didatismo e repele qualquer esquematismo, pelo que só quem viveu os fatos ou deles já possui alguma informação está apto a acompanhá-los e entendê-los, nem que seja parcialmente.

(do livro *Clássicos do Cinema Mudo*. Uberaba, Instituto Triangulino de Cultura, 2003)

Guido Bilharinho é advogado atuante em Uberaba, editor da revista internacional de poesia *Dimensão* de 1980 a 2000 (<https://revistadepoesiadimensao.blogspot.com.br>) e autor de livros de literatura, cinema e história do Brasil e regional, publicando mensalmente desde setembro último um livro no blog <https://guidobilharinho.blogspot.com.br>.